

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ESTUDO DE MECANISMOS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS NAS INTERAÇÕES VERBAIS

Patrícia Simone Garcia  
(UERJ)  
garciaPATRICIA@globo.com

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos o estudo realizado sobre o modo como se constroem discursivamente as interações verbais entre professor e aluno na modalidade de educação à distância. Investigamos que recursos lingüístico-discursivos são mobilizados nos materiais didáticos para que se estabeleça uma relação dialógico-interativa entre os coenunciadores, de forma que esses ocupem no discurso os papéis sociais de professor e aluno e se posicionem na cena enunciativa, como se interagissem face a face.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interatividade Discursiva; Dialogismo; Educação a distância.

*ABSTRACT: The interest of this paper is centered on the way interactions between teachers and students are discursively constructed in EAD. Based on the hypothesis that it should be possible to apprehend the voices of both participants of the classroom in the materiality of the texts, our attention is drawn to the linguistic-discursive resources which are responsible for creating the dialogical relation that supports the simulation of a face-to-face interaction between teachers and students.*

*KEYWORDS: Education in the distance; dialogical relation; discourse interaction*

### 0. Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o modo como se constroem discursivamente as interações verbais entre professor e aluno na modalidade de educação à distância (EAD), tendo em vista que tal modalidade de interação, em seu modo mais tradicional de

atualização, a saber, em sala de aula, prima por um trabalho de co-construção de sentidos entre os sujeitos participantes.

Os discursos de sala de aula caracterizam-se como momentos de interação, **cujos personagens desempenham papéis sociais bem marcados** (grifo nosso) (Rocha, 2002), e se constroem em função de um tempo e de um lugar específicos. A interação verbal entre professor e aluno tem como pressuposto a co-construção de sentidos de um determinado tema, sobre o qual se deseja refletir, trazido para o contexto de sala de aula.

Na modalidade de EAD, as interações não ocorrem na co-presença dos sujeitos diretamente envolvidos. Desse modo, outras estratégias de co-construção de sentidos precisam ser mobilizadas. Nossa pesquisa investigou as estratégias lingüístico-discursivas envolvidas nas interações verbais nestas circunstâncias.

Os materiais desenvolvidos nos cursos de EAD, por um lado, buscam minimizar o sentimento de estudo solitário e criar um ambiente propício à aprendizagem, em que “possam ocorrer as trocas” entre professor e aluno ou entre alunos e, por outro, têm como objetivo expor ao aluno os assuntos pertinentes ao curso, facilitando a aprendizagem. Neste sentido,

*o desenvolvimento de propostas de ação baseadas em disciplinas científicas que se referem às práticas de ensino que, incorporando todos os meios a seu alcance, dão conta dos fins da educação nos contextos sócio-históricos que lhe conferem significação* (Litwin, 2001:121).

Dessa forma, o desenvolvimento de materiais educacionais específicos (livros, softwares, *chats etc*) aplicados ao ensino tem como premissa adequar-se ao universo sócio-histórico do aluno.

Nos cursos de EAD, utilizam-se diversos suportes para manter o contato com o aluno, que vão desde a internet, a vídeo-conferência, o telefone, até os materiais mais tradicionais, como o livro didático. A opção de estudar o material impresso nesse contexto educacional foi motivada pela verificação de que esse era o material utilizado como principal recurso tecnológico nos cursos, e por isso, é objeto de nosso estudo.

Embora a EAD tenha evoluído e hoje possa contar com o suporte tecnológico da televisão e da internet, nunca foram abandonados os materiais impressos, que constituem ainda na atualidade um apoio

fundamental, mesmo no caso dos cursos que contam com o aporte de novas tecnologias.

No presente trabalho, procuramos demonstrar que os textos que se apresentam nos materiais impressos têm o objetivo de construir lingüisticamente a “cena interativa” que mais se aproxime da relação professor/ aluno em sala de aula presencial.

Partimos da hipótese de que as vozes do professor e do aluno estariam presentes no material impresso desenvolvido para o curso, criando uma cena pedagógica construída dialogicamente na encenação dos papéis sociais de professor e aluno, o que legitimaria a própria situação de enunciação (referente ao curso à distância que se deseja promover). Quais as estratégias discursivas, utilizadas no material didático, reportam-se à interação entre professor e aluno? Demonstramos, neste artigo, que tais estratégias lingüístico-discursivas caracterizariam uma cena interativa no texto, o que designamos de **interatividade discursiva**. (grifo nosso)

## 1. O corpus selecionado

Escolhemos trabalhar com textos produzidos para o curso *Formação de Formadores* promovido pelo SENAI, em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego, que se encontra em detalhe nas referências bibliográficas.

O curso é oferecido exclusivamente à distância e objetiva a capacitação/ formação de profissionais que atuam ou que desejam atuar na educação para o trabalho, e qualquer pessoa, independentemente do grau de instrução, pode nele se inscrever, gratuitamente. Ao se inscrever, o aluno recebe o material didático composto por cinco livros/ módulos. Esses livros foram produzidos exclusivamente para o curso em questão.

Nosso material de análise foi progressivamente construído a partir do módulo **Educação e Cidadania** (grifo nosso), o qual se divide em quatro unidades que discutem o tema *educação*. Selecionamos como *corpus* a unidade dois do referido módulo, intitulada **Educação: a constituição do ser social** (grifo nosso), porque essa unidade define conceitos de educação, apresentando valores para a educação em sociedade e para a constituição do ser social.

Como nossa pesquisa visa a estudar a cena pedagógica e, de certa maneira, o processo pedagógico nela instaurado, optamos por essa unidade com o intuito de verificar de que forma o enunciador constrói seu etos para falar sobre educação, tema central do módulo.

## 2. Quadro teórico

O quadro teórico a que recorreremos assenta-se em uma perspectiva da Análise do Discurso de base enunciativa. Para o presente estudo, selecionamos como categoria de análise as marcas de pessoa, tendo em vista a pertinência de uma investigação das relações dêiticas que se instituem nos textos trabalhados para a captação de uma cenografia discursiva e de um ethos.

### 2.1. Polifonia

Ao considerar que a língua é o produto da interação verbal, todo texto, oral ou escrito, constitui-se como o resultado das relações estabelecidas nas práticas sociais. Nessa perspectiva, a enunciação é atravessada por vozes que atravessam o discurso das práticas sócio-discursivas de uma sociedade.

A polifonia é o fenômeno lingüístico descrito por Ducrot (1984) como a manifestação de diferentes vozes presentes na enunciação, que se distinguem a partir de vários pontos de vistas assumidos pelo sujeito a quem se atribui a responsabilidade da enunciação.

Ducrot (ano) faz distinção entre o autor discursivo de uma enunciação, a quem designa *locutor*, o autor empírico e os enunciadores que, segundo ele, são sujeitos discursivos que sustentam perspectivas diversas na cadeia do enunciado.

### 2.2. Cenografia discursiva

A cenografia discursiva é uma instância enunciativa construída pelo discurso e, ao mesmo tempo, o lugar onde o discurso é legitimado pela cenografia que o sustenta, a qual também está sustentada pelo discurso. Conforme Maingueneau (2002:87),

A cenografia implica, desse modo, um processo de enlaçamento paradoxal. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação.

Buscaremos, com base nesses conceitos, investigar a cena enunciativa que legitima os enunciados produzidos. Essa cena interativa é criada pelo discurso, e tem por objetivo criar uma cena escolar em

que acontecem as *trocas* entre professor e aluno ou entre alunos. Na visão de Maingueneau (2002: 87), "todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima". A cena de enunciação deve construir o lugar, o tempo e os enunciadores do discurso.

### 2.3. Ethos

A cena *per se* não sustenta a enunciação, pois "toda fala procede de um enunciador encarnado por uma voz - a de um sujeito situado para além texto". (Maingueneau: 2002:95)

Por meio da enunciação, o enunciador revela o que chamamos de *ethos*, que são os aspectos que o enunciador encarna para assumir no imaginário do co-enunciador seu papel social, sua identidade enunciativa e pretende, desta forma, validar a enunciação.

Segundo Maingueneau (2001), o etos apresenta uma corporalidade, assentada em um caráter, (características psicológicas do sujeito enunciador), como em um corpo (características físicas do enunciador) e também em um tom ou em uma voz.

O etos é parte integrante da formação discursiva e revela-se por uma voz presente no texto. É essa voz que permite ao leitor identificar o caráter do enunciador. Esse caráter é um conjunto de traços psicológicos que o enunciador revela por seus enunciados, pela maneira, pelo tom e pelas coerções de sua formação discursiva.

Em nossa pesquisa, investigamos quais aspectos discursivos nos permitiram identificar o enunciador como um professor, e que características o enunciador assume para que seu co-enunciador assim o reconheça.

A cena enunciativa cria um lugar onde o que é dito é legitimado pelo enunciador que se coloca diante de seus alunos. O outro é assim uma necessidade discursiva do *eu, de modo que o* enunciador-professor só pode ter sua fala legitimada quando, no seu discurso, identificarmos a voz do outro a quem designa e a quem se dirige.

Esse dirigir-se ao outro estabelece o que chamamos de alteridade, ou seja, um dispositivo recorrente em textos em que o co-enunciador deseja que o seu interlocutor assumira uma *identidade particular*.

O sujeito de uma formação discursiva constrói uma cena que valida sua fala e lhe dá autoridade enunciativa. Logo, esses conceitos são fundamentais para responder à nossa hipótese de pesquisa.

A respeito da cena pedagógica encenada pelo discurso, iremos caracterizar o papel social do professor:

(...) as funções interativas tradicionais do professor: moderador, distribuidor dos turnos de fala, iniciador dos temas e das seqüências e, sobretudo, locutor sábio, garantindo e agindo para o respeito à norma. (Bigot, 1996: 43)

Assim, dentro de uma perspectiva de sala de aula, cabe ao professor gerir a cena pedagógica. No entanto, seus enunciados são norteados pelas coerções de seu papel social, naquilo que, como professor, é possível de ser dito.

Em nossa pesquisa, essa cena pedagógica está legitimada pelo discurso. É uma situação em que "a sala de aula", o professor e o aluno estão representados no discurso, não apenas o reconhecimento de um enunciador.

A cena pedagógica precisa ser validada pelo discurso, porque o educando à distância, ao ler o material impresso, deve interagir com o material não como se estivesse fazendo mais uma leitura, ou da mesma forma como leria outro impresso, mas precisa sentir-se interagindo com esse, precisa perceber-se não apenas como leitor, mas como aluno.

Essa percepção do educando é produzida pelos enunciados que se propõem a instituir uma interação entre alunos e professor. Seleccionamos fragmentos do *corpus* para uma exemplificação sobre nossa hipótese de pesquisa.

Foi realizado um levantamento de marcas de pessoas, que constituem os dêiticos discursivos mencionados acima. As marcas de pessoa nos permitem identificar, no discurso do enunciador, o par eu-tu por ele designado.

#### 2.4 Dêixis Discursiva

Com base na teoria bakhtiniana do dialogismo textual, Ducrot desenvolveu seu *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, que propõe a polifonia para seqüências de enunciados. Esta teoria considera a superposição de diversas vozes dentro do texto.

Segundo Ducrot, há polifonia quando podemos identificar vozes que situam o sujeito discursivo em espaços não-coincidentes (com quem fala? De onde fala? Que lugar social ocupa?). Portanto, o sujeito que fala é um sujeito heterogêneo que junta à sua fala o enunciado de outros sujeitos, através de marcas discursivas que inscrevem o par *eu-tu* e o lugar da enunciação. Essas marcas remetem o leitor ao *eu-tu* e ao lugar

de onde fala o sujeito enunciativo, e constituem o que conhecemos por dêixis discursivas.

A dêixis discursiva é a expressão lingüística que se refere às coordenadas de tempo, lugar e de um eu–você que marca a cena enunciativa. Através dessas coordenadas, podemos distinguir a cronografia, a topografia, o locutor e o destinatário discursivos. “A dêixis discursiva consiste apenas em um primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva”. (Maingueneau, 1997: 42).

A topografia social caracteriza o lugar de onde fala o sujeito. E essa instância de subjetividade enunciativa possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciador à suas regras, igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a esse lugar de onde fala o enunciador.

### 3. Levantamento e análise dos dêiticos

Com base nos objetivos traçados, iniciamos o levantamento das marcas de pessoa inscritas no texto; em seguida, agrupamos tais marcas segundo o movimento enunciativo do texto. Os dados analisados foram agrupados em seções diferentes de acordo com as pessoas do discurso: marcas de 1ª pessoa do singular, de 1ª pessoa do plural, de 2ª pessoa do singular e, finalmente, de 3ª pessoa.

Há ocorrências em que as pessoas do discurso estão marcadas por seus respectivos pronomes pessoais, e há outras em que estão marcadas somente pela desinência verbal. Consideramos, nesta análise, ambos os casos como ocorrências designativas da pessoa do discurso.

Para a apresentação dos resultados que obtivemos até o momento em nosso trabalho, selecionamos alguns exemplos dos dados analisados.

#### 3.1 Marcas de primeira pessoa do singular

Podemos perceber pelas marcas de pessoa que o enunciador pouco se apresenta em primeira pessoa do singular, como faria um enunciador na presença de seu co-enunciador.

As ocorrências que inscrevem o enunciador em *eu* aparecem em oito exemplos logo no início da unidade, quando o enunciador interpela seu co-enunciador(es) para atentar para o debate que se desenvolverá ao longo da unidade. Logo, é no início do texto que o enunciador se

apresenta e abre a unidade, chamando o leitor para a cena enunciativa que se institui.

Ex: O ponto chave para o qual **gostaria** que todos nós atentássemos é o seguinte(anexo)

Nesse exemplo, o enunciador figura em 1ª pessoa e constrói, por meio de sua fala, o *ethos* de seu co-enunciador, que nesse exemplo é trazido para o texto como um ente coletivo *nós* reforçado pela presença do pronome indefinido *todos*, ou seja, *todos nós* não pode ser *eu* mais *você*, pois o enunciador já figura em outra posição gramatical, *todos nós* refere-se à idéia de um grupo de co-enunciadores reunido para discutir a idéia que o enunciador em 1ª pessoa traz em seguida para o texto.

O processo de construção do *etos* do enunciador é apreendido por meio da noção de alteridade, quando se reportar ao co-enunciador como um grupo que debate uma idéia e, ao começar o turno de fala, iniciando um tema ao qual todos devem prestar atenção, o enunciador fala do lugar social do professor que, segundo Bigot (1996: 43), são:

(...) as funções interativas tradicionais do professor: moderador, distribuidor dos turnos de fala, iniciador dos temas e das seqüências e, sobretudo, locutor sapiente, garantindo e agindo para o respeito à norma. (grifos nossos)<sup>1</sup>

Dessa maneira, dentro de uma perspectiva de sala de aula, cabe ao professor gerir a cena pedagógica. É essa cena que se institui logo no início da unidade e que vai sendo progressivamente legitimada.

Outros exemplos em primeira pessoa são trazidos pelo enunciador como exemplos dos temas que vão se desenvolvendo no texto acerca do debate sobre educação que o enunciador propõe.

Ex.:

- a) (...) **Eu compro** um refrigerante e não um suco porque **tenho** prazer em beber um refrigerante;
- b) (...) e **sofro** com a idéia de precisar tomar um suco de laranja no almoço;
- c)(...) justifica **minha opção** por ter filhos;
- d) **Eu os [os filhos] quero** porque, assim, **terei** alguém para cuidar **de mim** quando **me** tornar idoso;

---

<sup>1</sup> Tradução nossa – Texto original: "(...)Les fonctions interactives traditionnelles du professeur: modérateur, distributeur des tours de parole, initiateur des thèmes et des séquences et surtout locuteur savant, garant et agent du respect de la norme".(...)

- e) **eu faço** algo se esse algo proporcionar **a mim** felicidade e prazer;
- f) E, se não for possível que os frutos de **minha ação** tragam-me benefício;
- g) Eles [os frutos de minha ação] devem no mínimo diminuir **a minha dor** ou o **meu sofrimento**. (grifos nossos)

Tais enunciados em 1ª pessoa figuram como exemplos do tema que o enunciador-professor iniciou.

### 3.2 Marcas de segunda pessoa do singular

As marcas designativas da 2ª pessoa do discurso – você – encontram-se em número reduzido, havendo apenas quatro ocorrências em toda a unidade. Percebe-se que quando o enunciador se reporta a *você*, é com o projeto discursivo de estabelecer um diálogo mais próximo e direto com o co-enunciador.

O co-enunciador é tomado em sentido indefinido, ou seja, o enunciador não se reporta à turma (co-enunciador construído pelo fenômeno da alteridade), mas a qualquer pessoa que tenha contato com o texto, pois *você* pode ser preenchido pelo leitor.

Por outro lado, *você* indica uma relação de proximidade entre o enunciador e o co-enunciador interpelado, o que indica que, nos exemplos em 2ª pessoa do discurso, o enunciador estaria falando com o aluno do curso à distância tomado em sua realidade singular, o aluno que não está em uma turma, mas que tem dúvidas, incertezas, com o qual o enunciador pretende estabelecer um “diálogo”, como nestes exemplos:

Ex.:

- a) você pode estar se perguntando...
- b) Gostaríamos de dialogar com **você**;
- c) Esperamos **convencê-lo** desse ponto de vista ao longo do texto;
- d) (...) e que pretendemos discutir com **vocês** é a seguinte; (grifos nossos)

Nesses exemplos, o leitor é convidado a participar da cena enunciativa, nos exemplos b e d, quando é chamado ao diálogo para discutir o tema apresentado.

A voz do *aluno* é trazida ao texto nos exemplos a e c e atualiza um modo de **ser aluno** e um modo de **ser professor**. (grifos nossos). O

enunciador posiciona-se como aquele que esclarece uma dúvida, que transmite um saber, “convencendo” seus interlocutores acerca de seu ponto-de-vista. Esse posicionamento está diretamente ligado à maneira como o ensino-aprendizagem é concebido, considerando a realidade da sala de aula brasileira:

constataremos que muito freqüentemente, só é dada ao professor a prerrogativa de poder assumir o lugar de enunciador; e isso porque ainda se acredita que se o educador é aquele que sabe, se os alunos são os que não sabem nada, cabe ao primeiro dar, entregar, transmitir, transferir seu saber aos segundos. E este saber não é mais aquele da experiência vivida, mas sim o da experiência narrada ou transmitida (Harper et al., 1980).

O *ethos* do enunciador manifesta-se como a figura de um professor e, nesse sentido, só pode ser constituído diante da fala do aluno, mas essa fala precisa estar de acordo com o que o enunciador e o co-enunciador reconhecem como um discurso de sala de aula.

Por isso, um discurso não pode ser analisado fora de seu tempo e de seu contexto cultural, pois o reconhecimento dessas relações discursivas é, na verdade, o reconhecimento das interações sociais existentes no mundo.

### 3.3 Marcas de primeira pessoa do plural

Consideramos como 1ª pessoa do plural (*nós*), além do pronome pessoal do caso reto, todos os pronomes anafóricos ou catafóricos identificados no texto através dos pronomes pessoais átonos ou tônicos e pronomes possessivos que remetem à fala do enunciador; consideramos também o *nós* inscrito pelo sujeito desinencial conjugado pelo verbo em 1ª pessoa do plural.

Nesta seção, distinguimos dois tipos diferentes de ocorrências em *nós*. A primeira marca a junção das duas pessoas do discurso: eu mais você(s). No entanto, verifica-se uma segunda ocorrência de *nós* em casos que a pluralização da 1ª pessoa não marca a soma das pessoas do discurso (eu + você(s)), mas um *eu* que se apresenta em *nós*.

A presença do *eu* é constitutiva de *nós*, já que não pode haver *nós* sem *eu*, por isso o uso de *nós* para indicar *eu* é visto como um recurso para minimizar uma fala que poderia ser interpretada pelo co-enunciador como arrogante. É uma espécie de eufemismo, também conhecido como plural de modéstia ou de polidez.

Pode ocorrer também de o enunciador assumir uma identidade coletiva, por exemplo, quando fala em nome da instituição, dos pares que compartilham idéias levadas aos alunos.

O *nós* de modéstia divide-se em dois casos distintos: o enunciador figura em posição gramatical diferente da ocupada pelo co-enunciador, e as qualidades semânticas dos verbos referem-se exclusivamente aos atos de fala característicos do professor, o que não poderia ser feito pelo aluno, nem pelo leitor como, por exemplo, selecionar textos etc.

A seguir, encontram-se alguns exemplos das marcas em primeira pessoa, separadas segundo as perspectivas aqui explicitadas, que descreveremos a seguir.

### 3.3.1 Nós (eu+ você) (103 ocorrências)

As ocorrências em *nós* que se referem ao plano embreado reportam-se à cena enunciativa do discurso em que enunciador e co-enunciador encontram-se comungando dos mesmos atos de fala. Logo, é um *nós* no qual o enunciador traz para sua fala a fala de outro que comunga o mesmo espaço discursivo, em outras palavras, é como se, ao enunciar, o enunciador trouxesse a voz de alguém para com ele construir um ponto-de-vista.

Tais marcas foram as mais produtivas e constituem o processo lingüístico por meio do qual o enunciador coloca em cena diferentes vozes enunciativas que remetem a práticas sociais da sala de aula, identificadas nos exemplos abaixo:

Ex.:

- a) (...) Mas, assim **ficamos** com uma dúvida: se a educação contribui para a continuidade dos papéis sociais e valores existentes, por que dizer que só o faz até certo ponto?
- b) Bom, para que **tenhamos** uma boa compreensão
- c) contrapor e discutir. Para fazê-lo, o ponto chave para o qual gostaria que **todos nós atentássemos** é o seguinte;<sup>1</sup>
- d) é preciso, portanto, que **desenvolvamos** mais esse ponto;

---

<sup>1</sup> Os exemplos *c*, *g* e *e* podem ser entendidos como um *nós* que se remete à fala típica de professor com o efeito de “preste atenção”, ou “atente-se para isso”. Entretanto, consideramos como *nós (eu + você)* tendo em vista à cena enunciativa na qual o enunciador, ao se reportar ao seu co-enunciador, nela se inclui, ou seja, mesmo que a fala seja considerada como **preste atenção**, o enunciador se posiciona em cena interativa com seus alunos.

- e) **Surge-nos** uma pergunta neste momento: é pertinente tal interpretação da constituição da vida em sociedade? E sua implicação sobre o fenômeno da educação? Contempla o que **experimentamos na nossa** vida cotidiana?
- f) mas, para que **possamos conversar** um pouco sobre o que entendemos por educação, devemos adentrar a próxima seção.;
- g) **prestemos** atenção em algumas de suas palavras.

O enunciador apresenta-se em nós e coloca em cena a voz da turma diante do desdobramento do tema proposto inicialmente. Encontramos um enunciado polifônico que atualiza o *ethos* do enunciador à medida que o co-enunciador constitui-se como um *nós* em dúvidas e evoca a voz portadora do esclarecimento dessas dúvidas. Logo, ao trazer a voz da turma, o enunciador ratifica seu lugar no discurso pelo processo da alteridade.

O enunciador coloca-se gerindo a cena enunciativa e interpela o co-enunciador, pedindo que prestem atenção. É evidente que tal fala se remete a uma cenografia discursiva de sala de aula, porque, se considerarmos a realidade do educando à distância, tal ato de fala não se justifica.

### 3.3.2 Nós de modéstia (25 ocorrências)

Ocorrências que se dividem em dois casos distintos:

- a) co-enunciador figura em posição gramatical diferente da ocupada pelo enunciador. (3 ocorrências). Ex.: **Gostaríamos de dialogar com você.**
- b) as qualidades semânticas dos verbos referem-se exclusivamente aos atos de fala característicos do professor, o que não poderia ser feito pelo aluno, nem pelo leitor (22 ocorrências). Ex.: **Selecionamos aqui duas correntes de pensamento.** (grifos nossos).

Nos dois casos, não seria possível que o co-enunciador participasse do *nós*, pois em (a) o sujeito desinencial do enunciado encontra-se em *nós*, logo, é ele que age (gostaríamos), e reporta-se ao co-enunciador o designando como você, portanto, o exclui da constituição desse *nós*.

No segundo exemplo, o co-enunciador é excluído da constituição do *nós* pelo processo semântico, porque o enunciador posiciona-se como

aquele que selecionou o tema e o irá apresentar ao co-enunciador, que, dessa forma, é excluído da constituição de nós.

Em ambos os casos, podemos apreender um enunciador que interpela o outro a partir de uma posição discursiva privilegiada, pois é ele quem chama o co-enunciador para discutir os temas abordados e, no outro exemplo, selecionou os temas que devem ser discutidos.

Verifica-se, então, que o plano embreado da língua é utilizado para ratificar uma posição discursiva assumida pelo enunciador: a de que está na cena enunciativa como alguém que “planejou” o que está sendo discutido em um aqui e agora, fazendo referência, à atividade docente, cuja especificidade contempla o planejamento da “aula”, confirmando uma enunciação situada para além texto.

### 3.3.3 Nós coletivo entre os pares (23 ocorrências).

Ocorrências que remetem à fala dos saberes compartilhados por pares: O enunciador traz um discurso relatado e junta sua voz a essas vozes, confirmando-as e legitimando sua fala de conhecedor de uma assunto. É a fala do que se entende por educação e filosofia, às vozes de profissionais da área (eu, professor + outro professor + pesquisadores). Em geral, é uma fala conceitual sobre um tema apresentado.

Ex.:

- a) Desse modo, **podemos dizer** que suas estruturas de personalidade são geradas a partir da história de suas vidas.
- b) Sendo assim, é então correto **afirmarmos** que a educação se restringe à produção de autômatos capazes tão somente de responder à ordem social vigente? (grifos nossos)

### 4. Marcas designativas da 3ª pessoa do discurso (20 ocorrências)

A terceira pessoa é aquela que, no discurso, não se refere nem ao enunciador e nem ao co-enunciador. Em nosso levantamento, consideramos como 3ª pessoa todos os casos em que o enunciador se refere ao *não-eu* e ao **não-tu**, mas a outro, independente da atualização da marca pronominal. (grifo nosso)

Entretanto, como este levantamento objetiva estudar a cena enunciativa, consideramos, apenas, os casos em que o pronome de 3ª pessoa ou a desinência verbal marcam o plano embreado da cena enunciativa. Nos casos em que o pronome de 3ª pessoa não constitui

uma dêixis discursiva, mas um procedimento referencial a outro elemento do texto, não foram considerados relevantes em nossa análise.

### Considerações finais

As análises efetuadas no *corpus* apontam para um enunciador que se manifesta no discurso, preferencialmente, como *nós*, e institui uma cenografia discursiva de sala de aula à medida que a imagem criada é a de uma turma que estuda situada em uma topografia rementente à sala de aula. Isso porque o enunciador faz uso de sentenças típicas do discurso didático, como “prestemos atenção, ficamos com uma dúvida, antes de seguirmos vamos esclarecê-la, antes de ir adiante vamos relembrar” etc.

O enunciador evoca diferentes vozes interdiscursivas que ratificam o *ethos* assumido no início da unidade, momento em que se coloca em primeira pessoa, pedindo atenção do co-enunciador a quem designa de *nós*, ou seja, temos um enunciador que se apresenta como um ser individual frente ao co-enunciador que se institui como aqueles que devem prestar atenção. Apesar de as marcas de primeira pessoa aparecerem apenas no início, indicam a abertura de uma cenografia que se institui ao longo da unidade.

Os atos de fala compartilhados pelo enunciador e co-enunciador foram os que mais apareceram. Tal fato caracteriza-se como *recurso lingüístico*, que confere ao texto um efeito de interatividade discursiva, porque os enunciadores estariam presentes empiricamente na cena enunciativa, podendo compartilhar as mesmas ações, como nos seguintes fragmentos que citamos: “**prestemos** atenção em algumas de suas palavras”; “e aqui **nos deparamos** com uma observação importante”. (grifos nossos)

Esse grupo de alunos é trazido pelo enunciador, que, dessa forma, insere-se como aquele que fala à classe, esse lugar discursivo pertence, sem dúvida, ao professor que se institui no texto como uma voz textual que fala exemplificando um assunto, esclarece e vai construindo uma cenografia discursiva que legitima sua fala.

As marcas designativas da 2ª pessoa do discurso – você – a quem o enunciador refere-se, também, encontram-se em número reduzido, apenas quatro ocorrências em toda a unidade. Entretanto, quando o enunciador reporta-se a *você*, é com a intenção de estabelecer um diálogo mais próximo e direto com o co-enunciador.

Essa inscrição do co-enunciador no texto pode ser percebida como uma estratégia discursiva para produzir um princípio estabelecido nas relações didáticas entre aluno e professor, seja o da participação efetiva do aluno na cena comunicativa, das suas colocações e perguntas inerentes ao papel social que ocupa como aluno que indaga, reflete e discute com o professor.

O que chama atenção nesses enunciados é que podem ser preenchidos sobre duas perspectivas: o enunciador dirige-se ao aluno empírico, matriculado no curso, mas também ao aluno instituído na cenografia discursiva.

Esse posicionamento do enunciador que chama pela participação ativa do co-enunciador, designado como aluno, com quem o enunciador espera estabelecer um diálogo, ratifica a polifonia de vozes que inscreve diferentes sujeitos enunciativos em espaços discursivos diferentes.

Ora o enunciador apresenta-se como o iniciador do tema, e se coloca como aquele que exerce o papel social do professor e, por extensão, designa seu enunciador de aluno, ora coloca-se como um sujeito coletivo e, interlinearmente, assume o papel de um escritor didático que fala ao seu leitor: o aluno à distância.

Em ambas as circunstâncias, encontramos um efeito discursivo de interatividade que aqui chamamos de *Interatividade Discursiva* em consonância com o conceito de dialogismo bakhtiniano, chamamos de interatividade discursiva aos enunciados encontrados nos *corpus* que se apóiam na dêixis discursiva para simular uma interação entre os co-enunciadores, empiricamente distantes.

Como o material é produzido para um aluno *imaginário*, o enunciador fala ao seu co-enunciador como se esse estivesse presente na cena discursiva, o que ratifica a cenografia da sala de aula. **A interatividade discursiva** (grifo nosso) é então construída pelos recursos dêiticos que estabelecem o par *eu-tu* na cena de enunciação, a fim de que, ao encontrar-se com o texto produzido, o aluno se reconheça na cena enunciativa, criando o efeito discursivo da interação.

Logo, a interatividade discursiva é apresentada como efeito discursivo encontrado no material pesquisado, tendo em vista a pressuposição do contrato didático estabelecido para a construção do conhecimento, que, a nosso ver, não se concretiza sem a efetiva interação entre os sujeitos envolvidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo: HUCITEC: 1995.
- CORACINI, M. J. R. F. *Um Fazer Persuasivo: o Discurso Subjetivo da Ciência*. 1ª ed.: São Paulo: Educ; Campinas, SP: Pontes, 1991.
- CICUREL, F.; BLONDEL, E. (orgs.) *Les Carnets du Cediscor. La Construction interactive des discours de la classe de langue*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.
- DUCROT, O. *O Dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes: 1987.
- LITWIN, E. *Os Meios na Escola*. In: *Tecnologia Educacional: Política, Histórias e Propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2ª ed. São Paulo: Cortez: 2002.
- \_\_\_\_\_. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- ROCHA, D. *La Fiction Dans Le Cadre de L'Interaction Didactique: une lecture du théâtre de Ionesco*. Le Centre d'Études sur les Discours Ordinaires et Spécialisés. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.
- \_\_\_\_\_. A Arquitetura das Interações Verbais: produções de sentido nos discursos em sala de aula. In: *Pistas e Travessias II: bases para o estudo da gramática, da cognição e da interação*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- SABOYA, J.; WERNECK, A.; MARQUES, M. *Legislação Educacional Comentada*. Rio de Janeiro: JASP Editor, 2002.
- SENAI. DN. *Educação e cidadania*. 2ª Ed. Brasília, 2001. 87 p. (Série SENAI Formação de Formadores).

Recebido em setembro de 2007  
Aprovado em junho 2008